



Milene Féo

159

Psicóloga, psicodramatista didata e supervisora pelo Departamento de Psicodrama do Instituto Sedes Sapientiae. (DPSedes). Professora e coordenadora-geral de Ensino no DPSedes.

INTERVENÇÕES GRUPAIS: O PSICODRAMA E SEUS MÉTODOS

MARIA DA PENHA NERY E
MARIA INÊS GANDOLFO CONCEIÇÃO (ORGS.)
SÃO PAULO: ÁGORA, 2012

Apresentar o psicodrama como instrumento para intervir em grupos diversos de forma ilustrada e simples foi o desafio enfrentado pelos autores do livro aqui destacado.

Obra finalizada, temos diante de nós não apenas um guia a tentar iluminar os primeiros passos na compreensão de uma abordagem que instrumenta o trabalho com grupos em diferentes contextos e espaços, mas também material que mapeia diferenças conceituais, práticas, ideológicas e paradigmáticas entre psicodramatistas, reveladas inclusive em suas formas de traduzir para a linguagem simples a complexidade do psicodrama.

O resultado justificaria um brinde pela abrangência de metas alcançadas, não fosse o fato de a alquimia, a gerar um livro que atende a tão variado público, cobrar certo “pedágio” para ser usufruída. Lança os diferentes leitores a um “garimpo” trabalhoso, que exige dedicação e paciência – incomum na contemporaneidade. Não porque sejam poucas as “pepitas” passíveis de ser encontradas. Tão pouco por elas se manterem escondidas em discursos herméticos, mas sim por seu brilho maior – a diversidade entre os autores, virem muitas vezes desacompanhadas de contextualização e embasamento do que as justificam. Resulta disso a necessidade de haver motivação no leitor para iniciar pesquisa bibliográfica em outras fontes, que não no próprio livro, em busca das razões de haver tantas afirmações e posturas díspares, encontradas de um capítulo a outro.



Dessa perspectiva, o risco maior de surgirem reticências ao produzido fica direcionado aos leitores iniciantes que estejam esperando entrar em contato com linhas mestras, ainda que mínimas, mas consensuais, do que viria a ser o psicodrama com grupos. Estes, se desavisados, poderiam entender as manifestações da diversidade nessa coletânea como incoerência do corpo que sustenta o psicodrama ou como erro a afirmação de um ou outro autor que apresente posições que são contrariadas por outras sobre o mesmo tema, em outros capítulos.

O prefácio da obra dialoga com essa possível reticência com sabedoria, anunciando aos iniciantes a divergência que se apresentará nas próximas páginas. Apresenta-as como fruto de uma abordagem delineada como obra aberta e, como tal, traz consigo múltiplos modelos de ação e reflexão; convite ao iniciante a, desde o início, exercitar seu posicionamento crítico diante de verdades diversas, que não se pretendem uniformes, favorecendo ao leitor se abrir para a experiência que lhe é oferecida.

Inegavelmente, os leitores estudiosos e perseverantes – iniciados e iniciantes – que suportam transitar pelo saber que se constrói em processo, passam a ter em suas mãos significativos estímulos para reflexões, pesquisas e novas produções.

Oxalá que entre eles haja muitos professores, coordenadores de ensino, de eventos e alunos de psicodrama, que, sem dúvida, contarão com mais um material para radiografar questões relevantes, atravessar o movimento psicodramático, clamar por lideranças e promover debates que lancem luz ao que embasa e esclarece diferentes concepções sacionômicas, que não puderam ser exploradas nesse livro, respeitando o pressuposto (ou paradoxo) de que esse acompanhamento não seria bem-vindo em uma publicação com intenção introdutória.

A diversidade de estilos adotados pelos autores poderá resultar também em rico material que servirá à reflexão para oficinas de escrita que tenham o intuito de pesquisar maneiras eficientes de se comunicar com um público-alvo específico: profissionais que ainda não conhecem o psicodrama. E, por que não, para repensar, ainda outra vez, a valoração da escrita científica em seus princípios.

Nesse cenário, ficamos todos convocados a sistematizar respostas a perguntas amplas e específicas, como:

– Catarse de integração não existe como fenômeno individual, é fenômeno exclusivamente grupal ou refere-se à integração de elementos



desconhecidos de um cliente para ampliar seu autoconhecimento e favorecer as transformações desejadas?

– O termo protagonista deve ser usado apenas para um personagem no contexto dramático ou também para a pessoa que tem sua história dramatizada? Essas questões atendem às novas formas de fazer psicodrama, inexistentes no tempo que Moreno definiu o que é protagonista? Um grupo pode ser considerado protagonista?

– A etapa de compartilhar de uma sessão é momento de risco de se perder a emoção da cena dramatizada ou a amplia e a integra em dimensões particulares experimentadas pelos integrantes da plateia? No contexto socioeducacional, essa etapa se enriquece se definida como comunicação do que se aprendeu com a experiência dramática ou tratá-la assim favoreceria que o psicodrama socioeducacional se tornasse fortalecido em bases de pensamentos dissociados da emoção?

– O axiodrama tem por foco os valores socioculturais? Ou se refere ao trabalho com uma amostra de uma população mais ampla que se pretende atingir?

– O que muda no trabalho do psicodramatista quando pensamos o teatro espontâneo como o grande “guarda-chuva” do psicodrama? Começaríamos a repensar o título do próprio livro em questão, a ser chamado quem sabe de “O teatro espontâneo e seus métodos”? Pode-se entender o psicodrama como uma subdivisão do teatro espontâneo, tal como o sociodrama, o axiodrama, o role-playing? Ou seria melhor adotar como o grande “guarda-chuva” do psicodrama a socrionomia, que integra a sociometria, a sociodinâmica e a sociatria? Ou, ainda, desconsiderar essas sugestões, tão caras e antigas no movimento psicodramático, e propor que o teatro espontâneo e o jornal vivo sejam jogos psicodramáticos? Espetáculos improvisados em que o público dá o tema e a equipe de profissionais constrói a cena são ou não teatro espontâneo? São ou não socrionomia?

– O sociodrama tem por meta gerar bem-estar grupal, paz, justiça, dignidade, respeito às diferenças, consciência social crítica, cidadania, desenvolvimento de equipes, harmonia, desenvolvimento de redes sociais de apoio, construção conjunta do saber, democracia? Ou a meta do sociodrama segue na direção de favorecer a expressão de uma variedade de pensamentos, ações e afetos que transitam no grupo trabalhado, de forma que seus integrantes – inclusive diretor e ego-auxiliares – possam



reconhecer prazeres, calmarias, crises e desconfortos; atrações, rejeições e indiferenças; alianças e negociações; campos de força e poder; padrão de respostas antigas que se repetem; produções inéditas; tentativas de manter, modificar ou fortalecer o script instituído e toda a gama de possibilidades humanas a constituir e desconstruir realidades grupais, quer sejam elas nobres quer não para o diretor do trabalho, regidas por éticas diversas que imanam do grupo no aqui e agora?

– O caos e o desconhecido são focos primordiais de trabalho sacionômico ou será o alívio da dor que deve ocupar o centro da cena sacionômica? A intimidade, a vida privada, pode se mostrar em trabalhos públicos? Um método diz sempre de um caminho que deva ser percorrido para atingir um objetivo prefixado? E um objetivo prefixado falará contra a importância do uso de métodos para aqueles que valorizam a emergência do inesperado e do novo no contexto dramático? Ou é necessário exatamente um método para garantir que as cenas dramáticas não sucumbam no senso-comum? O psicodrama é composto de diferentes métodos ou se trata de um método e diferentes procedimentos? As leis sociométricas morenianas contradizem os pressupostos psicodramáticos de trabalhar com base na criatividade e na espontaneidade?

– Existe consenso na quantidade máxima e mínima de integrantes de um grupo ou esse número se decide situação a situação? O que envolve essa decisão? Pode haver role playing sem conhecimento a priori da organização em que se vai trabalhar? No contexto socioeducacional, o indicado é não trabalhar com protagonização? O mais indicado seria dividir os participantes em subgrupos e estes produzirem cenas espontâneas para apresentar ao grupo todo?

– Ao oferecermos hoje em nossas instituições federadas à Febrap dois tipos de formação em psicodrama, nomeando uma como clínica e outra como socioeducacional, subdividindo o trabalho sacionômico em duas grandes áreas de intervenção, estaremos nas entrelinhas desse posicionamento institucional apoiando a ideia de que não caberia ao psicodramatista clínico intervir sociodramaticamente em seus atendimentos? Esvaziando a prática psicoterápica de sua responsabilidade de transitar por dinâmicas grupais e sócio-históricas? Negando a necessidade de desenvolver a competência do profissional que trabalha com grupos no contexto socioeducacional em compreender e lidar com dimensões da dinâmica pessoal dos integrantes de um grupo? Haveria algum senso em resolver esse equívoco, se confirmado, nomeando o



psicodrama socioeducacional como psicodrama não clínico, apresentando um ramo de atividade singular por aquilo que ele não é e não em que ele é singular?

– Esses questionamentos habitam o terreno da reserva de mercado, o ideológico, o conceitual, o técnico, o paradigmático ou todos eles, entre outros? Trazem consigo a emergência de retomar os pressupostos filosóficos do psicodrama, que iluminariam cisões estabelecidas, gerando consenso sobre as bases do psicodrama ou essa linha de trabalho, exatamente por esses pressupostos, abarca e acolhe profissionais que trabalham com intenções diversas e mesmo opostas entre si?

O trânsito por essas questões planta sementes antigas e novas em terreno ainda fértil, que necessita de urgente irrigação.

Parodiando algumas das cenas dramatizadas relatadas pelos autores desse livro para ilustrar suas práticas, torço para que leitores e autores considerem-se, todos eles, parte integrante dessa máquina de produzir sentidos ao psicodrama, podendo mais e mais estabelecer conexões entre si. Que representantes de diferentes “cores socionômicas” possam ocupar uma mesma fileira, pertencer a uma mesma terra, ainda e sempre que querendo dela coisas diversas. Que a dificuldade por não falar exatamente a mesma língua não determine que cada um construa seu próprio quilombo ou sua tribo, mas que juntos exercitem a prática da cidadania no território socionômico. Que possamos digerir nossas diferenças sem arranhar nossos estômagos, seguindo juntos para festejar novos aniversários, sem forçar produções lineares e homogêneas, admitindo a coexistência de cenas, ao menos aparentemente, díspares, que geram “linhas cruzadas”, luz e escuridão, intensidades e calmarias. E que, quando essas disparidades se mostrarem aos nossos olhos, nossos ouvidos e nossas vísceras, possamos receber cada uma delas, sem excluí-las ou negá-las dos textos e dos intertextos do movimento psicodramático.

Milene Féo

Rua Teodoro Sampaio, 1020 cj. 602
Pinheiros – São Paulo, SP
CEP 05406-050
Tel./Fax (11) 3062-8234
milenefeo@uol.com.br

